

Reestruturas do setor bancário e dinâmicas espaciais: análise dos bancos e cooperativas de crédito em Campos dos Goytacazes entre finais do século XX e 2020

Samuel Henderson de Faria Santos¹

Leandro Bruno Santos²

GT 1. Reestruturação do espaço urbano-regional, dinâmica econômica e impactos no emprego

Resumo

O final do século XX é um período marcado por grandes transformações na sociedade e pelas mudanças na organização do sistema capitalista, que se torna cada vez mais flexível graças às possibilidades propiciadas pelas tecnologias da informação. O setor bancário segue o mesmo ritmo e se reestrutura fortemente no final desse século XX, ao incorporar as novas tecnologias de informação não só para aumentar a sua ação no território nacional, mas também para alterar as relações e organização do trabalho bancário. Nosso trabalho tem como enfoque analisar como as novas tecnologias impactam os bancos e o trabalho bancário na cidade de Campos dos Goytacazes/RJ entre finais do século XX até 2020. A metodologia inclui, além de revisão bibliográfica, levantamento, sistematização e análise de dados. Os resultados indicam que o setor bancário campista passou por dois momentos de grandes impactos no trabalho bancário: 1) durante a reestruturação nos anos 1990, com fusões, aquisições e privatizações; 2) início dos anos 2010, com o fechamento das agências e a consolidação do *Internet Banking*. Outrossim, é no período de reestruturação que há o crescimento das cooperativas de crédito na cidade, cujas estratégias e ações são diferentes das apresentadas pelos bancos tradicionais.

Palavras-chave: Setor bancário; Trabalho bancário; Cooperativas de crédito; Campos dos Goytacazes.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense – UFF
E-mail: sfaria@id.uff.br

² Docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense – UFF
Bolsista Produtividade do CNPq Nível 2 e Jovem Cientista do Nosso Estado. E-mail:
leandrobruno@id.uff.br.

Introdução

O século XX é marcado por diversas transformações, especialmente quando falamos de sistema capitalista e sua organização espacial. É no século XX que vemos dois modelos bem característicos do capitalismo, que são marcados pela *Rigidez* e *Flexibilidade*. Se em um primeiro momento, em especial nos anos 1930, o capitalismo se organizou de maneira mais rígida, em estruturas de linhas de produção, grandes plantas fabris, produção e consumo em massa, a partir de 1970, outro desenho se configura, com um sistema flexível, que se desconcentra espacialmente e estabelece conexões entre espaços através dos avanços das redes, buscando cada vez mais fluidez e maximização dos lucros.

Este período de aceleração da circulação do capital, das grandes transformações espaciais e técnicas, tornando possível conectar pontos que outrora não se conectavam, é denominado de globalização. Nesse período de globalização, as finanças são partes essenciais para o pleno funcionamento do sistema capitalista, pois o setor bancário possibilita tanto a circulação de capital sobre o território como também reproduz as mesmas formas de atuação, se expandindo, reestruturando e adquirindo novas formas, no sentido literal do termo - novos formatos de atendimentos bancários – e na sua forma organizacional, principalmente na questão do trabalho bancário.

O foco do nosso trabalho é analisar como o setor bancário e o trabalho bancário é impactado pelas novas tecnologias da informação e inserido em uma sociedade cada vez mais informatizada, estabelecendo como recorte temporal de análise o final do século XX até o ano de 2020. Nossa análise compreende uma análise das transformações mais gerais do sistema capitalista (fase de globalização e tecnologias da informação) e seus desdobramentos sobre o setor bancário brasileiro, bem como as mudanças no setor bancário na cidade de Campos dos Goytacazes/RJ e a inserção das cooperativas de crédito na análise de instituições financeiras.

Os procedimentos metodológicos abrangeram levantamento bibliográfico sobre temas relacionados ao trabalho, levantamento de dados secundários em base de dados abertos (Banco Central, RAIS/CAGED) para a análise sobre as mudanças na estrutura bancária Brasileira e na cidade de Campos dos Goytacazes. Após este trabalho inicial de levantamento, os dados foram sistematizados em tabelas, gráficos e mapas para melhor visualização.

Além desta introdução, o trabalho é dividido em três seções. A primeira trata de um debate introdutório sobre globalização e as novas tecnologias. A segunda discute o trabalho bancário no final do século XX até 2020. Em seguida, o enfoque recai sobre o trabalho bancário em Campos dos Goytacazes. A quarta seção trata das cooperativas de crédito e a sua inserção no contexto do setor bancário em Campos dos Goytacazes. Ao final, constam as considerações finais e as referências bibliográficas.

A globalização e as novas tecnologias da informação

A globalização está longe de ser uma visão utópica de um mundo sem fronteiras, onde todos pertencem a um mesmo lugar, mas sim uma lógica hegemônica de atuação do capitalismo em nível global, amparado principalmente nos avanços tecnológicos que permitiram formas de conexão essenciais, como a internet por exemplo. O meio se torna agora, técnico, científico e informacional. Milton Santos define o meio técnico-científico-informacional como:

[...] A científicização e a tecnicização da paisagem. É, também, a informatização, ou, antes, a informacionalização do espaço. A informação tanto está presente nas coisas como é necessária à ação realizada sobre essas coisas. Os espaços assim requalificados atendem sobretudo a interesses dos atores hegemônicos da economia e da sociedade, e assim são incorporados plenamente às correntes de globalização (SANTOS, 2008, p. 24-25).

A partir da ideia de globalização e de avanços técnicos conseguimos levantar questões essenciais para a discussão trazida neste trabalho, de como as transformações no trabalho e a chegada da internet e as novas possibilidades de conexão pelas redes de teleinformática. Castells (1996) evidencia que os avanços tecnológicos, sobretudo desde os anos 1970, surgem a partir de demandas por melhoramentos e o barateamento de microprocessadores e de componentes eletrônicos que possibilitam o avanço tecnológico para diversos fins, como comerciais, de estudo, militares etc. Porém, uma das principais criações deste período é a Internet, que não surge como conhecemos hoje em dia, mas sim como um projeto militar, chamado de ARPANET, uma ferramenta da *Advanced Research Projects Agency* (ARPA), em português, Agência de Projetos de Pesquisa Avançada, para a comunicação entre os computadores militares, o que iria ser o protótipo da Internet

que, ao longo dos anos, foi deixando de ser uma ferramenta militar, sendo separada em uma divisão militar e uma divisão científica, ARPANET E MILNET, respectivamente (CASTELLS, 1996).

É após a criação da MILNET e de avanços técnicos necessários para a oferta da Internet ao grande público que conheceremos grandes transformações em diversos setores e o bancário é um deles. Transformações na organização dos bancos, no surgimento dos caixas eletrônicos, internet banking, transformações no trabalho dos bancários e até mesmo transformações nos hábitos dos clientes. E, no caso desta pesquisa, iremos nos atentar especialmente a questão do trabalho do bancário.

O trabalho do bancário: do final do século XX a 2020

A discussão sobre o trabalho do bancário no final do século XX é algo que nos chama a atenção, pois, conforme salienta Contel (2006), o setor bancário é um dos setores que mais se beneficiaram dos avanços da telemática e expandiram vertiginosamente pelo território nacional. Não obstante, os avanços da globalização trouxeram impactos sobre o trabalho: “Foi nesse contexto que o capital, em escala global, veio redesenhando novas e velhas modalidades de trabalho – o trabalho precário – com o objetivo de recuperar as formas econômicas, políticas e ideológicas da dominação burguesa” (BRAGA; ANTUNES, 2009, p. 233). Ou seja, o trabalho precário e até mesmo a extinção de antigas funções são marcas deste novo período, marcado por automações e novas maneiras de trabalho.

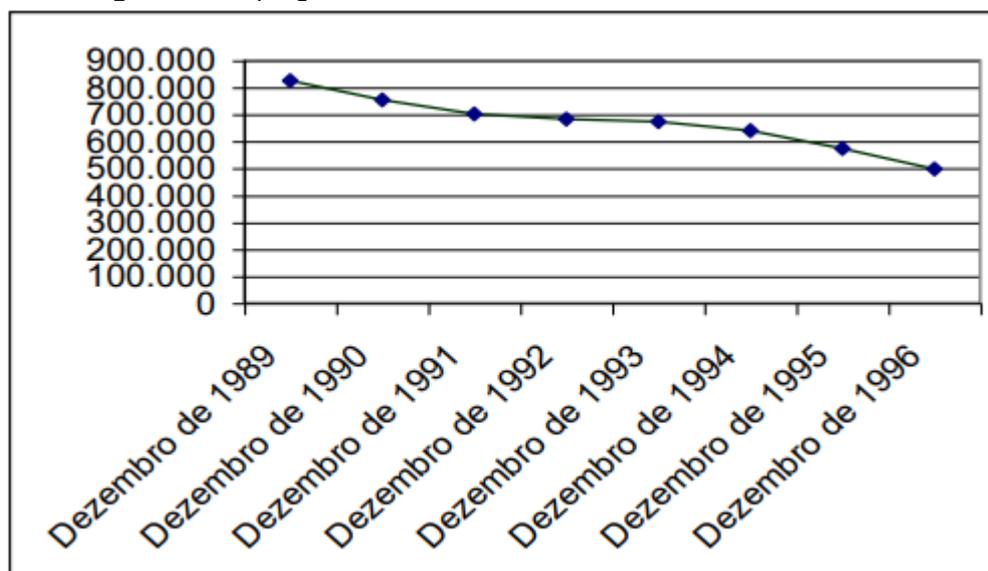
Netz (2005) discute a questão do emprego do setor bancário e os avanços das novas tecnologias da informação e destaca, logo de início, um ponto importante sobre a globalização e as mudanças técnicas promovidas neste período, em específico no setor bancário.

O corpo funcional de uma estrutura burocrática altamente desenvolvida precisava ter grande conhecimento. Mas, com as NTI as rotinas burocráticas foram transformadas em programas. O corpo funcional já não precisa ter tanto conhecimento sobre os caminhos burocráticos, mesmo porque muitos destes se tornaram caminhos digitais (NETZ, 2005, p. 8).

Além disso, a autora destaca a importância das NTI para a garantia e confiança que outrora era confiada à burocracia bancária, mas que se tornaram agora programas. “A globalização precisa de um sistema confiável de registro e

transferência de riquezas, de operações financeiras” (NETZ, 2005, p. 8). Ou seja, antes de mais nada, as novas tecnologias da informação são uma maneira de manter a fluidez deste sistema capitalista globalizado. Podemos definir dois momentos de reestruturação do emprego bancário no país, a primeira onda ocorre exatamente no período de análise de Netz (2005), abrangendo o final do século XX, e a segunda seria no período mais recente dos anos 2010, quanto temos a crescente digitalização do setor e a expansão do Internet Banking, o surgimento de bancos digitais e o fechamento de agências pelo país. Na figura 1 é possível compreender em números o impacto no emprego bancário entre 1989 e 1996.

Figura 1 - Empregos no setor bancário brasileiro no final do século XX



Fonte: NETZ, 2005.

Os empregos no setor, durante um período de sete anos, foram cortados praticamente pela metade, caindo de 824.316 postos de emprego em 1989 para 497.108 em 1996. Toda essa queda pode ser creditada apenas às NTI? Netz (2005) afirma que não, para a autora não é possível restringir essa grande redução apenas às novas tecnologias, pois, como vimos, a acumulação flexível trouxe novas formas de trabalho. Nesse sentido, a autora destaca alguns pontos que foram causadores dos cortes no número de empregos do setor:

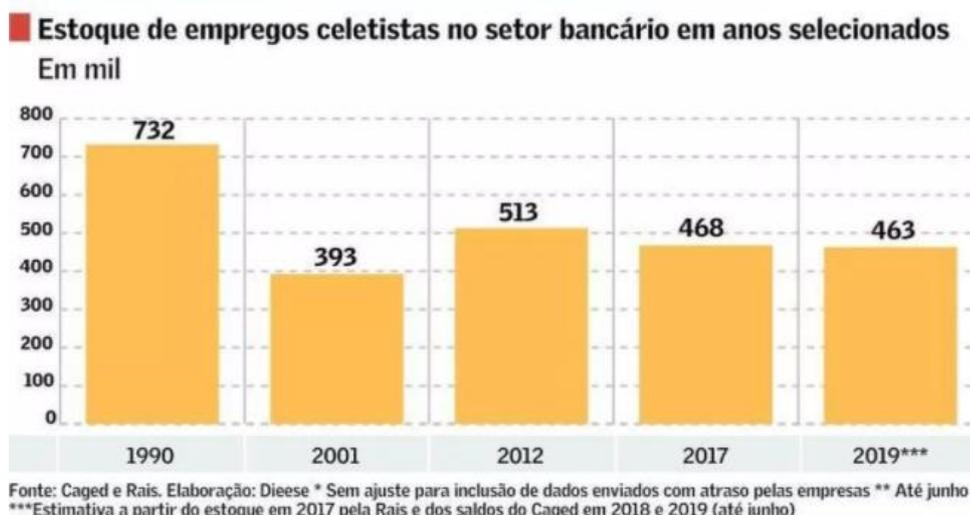
A automação bancária, as novas formas de organização do trabalho, as fusões, as incorporações, as privatizações, a terceirização e a racionalização seriam responsáveis pela redução de grande número de trabalhadores (NETZ, 2005, p. 10).

Netz (2005) evidencia, no entanto, que tanto a terceirização e a racionalização estão intimamente ligadas com as Novas Tecnologias da Informação, possibilitando a automação bancária. No mesmo artigo, a autora faz uma reflexão sobre como a automação bancária traz consigo um novo funcionário para o banco, e este não é remunerado, os clientes. Pode parecer sem sentido, mas a partir do momento que existem caixas eletrônicos para autoatendimento, o cliente se torna também um funcionário do banco, pois realiza funções que outrora eram exercidas por um funcionário:

Atualmente, o cliente, em certo aspecto, também faz o trabalho bancário. O cliente não só executa certas operações sem nenhuma remuneração, mas também é responsável por eventuais erros de digitação que venha a cometer. Ou seja, as NTI não só alteraram a relação capital-trabalho, mas proporcionaram o aparecimento de um tipo de trabalho que não é remunerado (NETZ, 2005, p. 14).

Estes pontos são as principais características deste primeiro momento de reestruturação do setor bancário que ocorre na década de 1990 e que apresentam semelhanças com relação à reestruturação do setor nos anos 2010, ou seja, por conta dos avanços tecnológicos se faz necessário cortes em pessoal e no número de agências. Em matéria divulgada no portal Valor econômico³, conseguimos observar, entre os anos de 1990 até 2019, o que a autora Thais Carrança chama de ondas; a primeira onda é a já evidenciada por Netz (2005) e a segunda, abrange o período recente que estamos assistindo, de sucessivos cortes no setor (figura 2).

Figura 2 - Empregos no setor bancário brasileiro de 1990 a 2019



Fonte: Valor Econômico, 2019.

³ <https://valor.globo.com/financas/noticia/2019/07/31/desde-2013-setor-fechou-627-mil-vagas.ghtml>

Quando analisamos os dados sobre o número de agências no mesmo período, notamos que há uma tendência de encolhimento nos últimos anos. Tal tendência mostra-se muito intensa a partir dos anos 2014 (figura 3).

Figura 3 - Número de agências e sedes bancárias no Brasil (2006-2020)

Anos	Quantidade de Bancos	Quantidade de Agências
2006	159	18.087
2007	156	18.572
2008	159	19.142
2009	158	20.046
2010	157	19.813
2011	160	21.278
2012	160	22.218
2013	155	22.918
2014	154	23.126
2015	155	22.826
2016	155	22.547
2017	154	21.062
2018	152	20.850
2019	153	19.964
2020	156	19.281

Fonte: Banco Central, 2020.

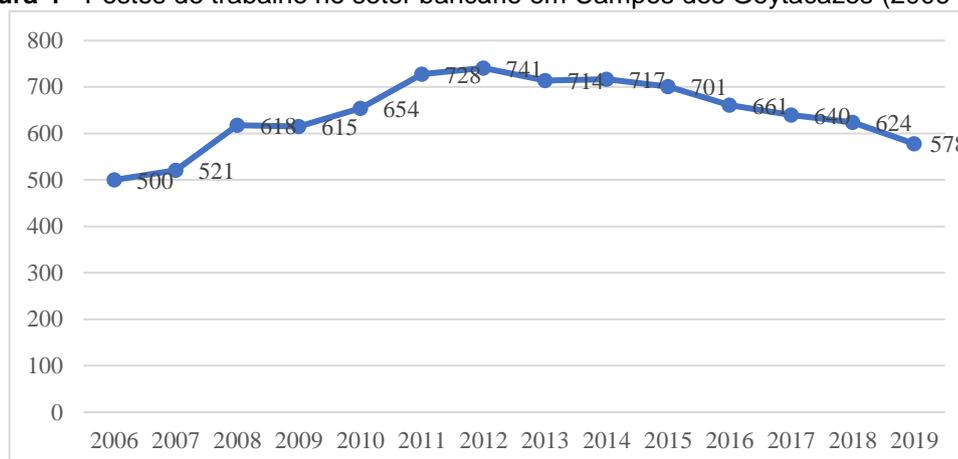
Elaboração: Samuel Henderson

Após a compreensão de que o fenômeno de reestruturação do setor bancário é uma realidade nacional, é necessário fazermos, na próxima seção, um exercício essencial para a Geografia, que é a multiescalaridade, ou seja, analisar como os fenômenos podem ocorrer em diversas escalas, apresentando especificidades em cada uma delas (CORRÊA, 2003).

As alterações no trabalho bancário em Campos dos Goytacazes

Ao acessarmos os dados disponibilizados pela RAIS, confirmamos a mesma tendência de queda dos empregos formais no setor bancário, algo que já foi evidenciado até o momento. Como nossa pesquisa sobre as agências bancárias utilizamos o recorte de análise do período atual, abrangendo os primeiros anos deste século, faremos o mesmo para a questão dos empregos do setor (figura 4).

Figura 4 - Postos de trabalho no setor bancário em Campos dos Goytacazes (2006-2019)



Fonte: RAIS/CAGED – Elaboração: Samuel Henderson

Com base nos dados da RAIS, observamos o mesmo panorama de diminuição dos postos de emprego em Campos dos Goytacazes, especialmente a partir do ano de 2012, acompanhando a tendência de queda do número de empregos em âmbito nacional. Na figura 4 é possível visualizar de maneira mais nítida a queda do número de empregos no setor bancário (Bancos múltiplos). Essa tendência de queda acompanha a redução do número de agências na cidade, já que, em 2020, observamos queda no número de agências, atingindo o mesmo patamar de 2011, com 31 agências.

O mais alarmante é que em 2018 tínhamos 40 agências na cidade, ou seja, em um intervalo de apenas dois anos foram fechadas nove agências na cidade, provocando a diminuição de empregos, o aumento de clientes por agência etc. Porém, em ritmo contrário ao dos bancos, tanto em número de postos de trabalho quanto no número de PAC (Postos de Atendimento Cooperativo), as cooperativas de crédito exibem uma curva positiva de empregos e estabelecimentos, algo que explicitaremos melhor no próximo tópico.

Breve Histórico nacional e reflexões sobre as cooperativas de crédito em Campos dos Goytacazes

As cooperativas de crédito são uma alternativa aos bancos tradicionais, visto que oferecem os mesmos serviços que os bancos múltiplos, porém de maneira cooperativa, sem visar lucros. Segundo o Banco central,

Cooperativa de crédito é uma instituição financeira formada pela associação de pessoas para prestar serviços financeiros exclusivamente aos seus associados. Os cooperados são ao mesmo tempo donos e usuários da cooperativa, participando de sua gestão e usufruindo de seus produtos e serviços. Nas cooperativas de crédito, os associados encontram os principais serviços disponíveis nos bancos, como conta-corrente, aplicações financeiras, cartão de crédito, empréstimos e financiamentos. Os associados têm poder igual de voto independentemente da sua cota de participação no capital social da cooperativa. O cooperativismo não visa lucros, os direitos e deveres de todos são iguais e a adesão é livre e voluntária (BANCO CENTRAL, 2020b).

Além disso há uma diferença das cooperativas em relação os bancos múltiplos comerciais no que diz respeito à tributação, pois não incide sobre as transações entre os associados e a cooperativa impostos como o Imposto sobre a Renda das Pessoas Jurídicas (IRPJ) e a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL). (BANCO CENTRAL, 2020c). Antes de adentrarmos na espacialização das cooperativas em Campos dos Goytacazes, a distribuição do trabalho nas cooperativas, é de suma importância compreendermos de onde surgem as cooperativas e quais são as principais normas que regem as cooperativas no Brasil.

As primeiras cooperativas de crédito a nível mundial surgem em meados do século XIX, na Europa, mas especificamente na Alemanha em 1847, por Friedrich Wilhelm Raiffeisen, que inaugura uma cooperativa rural intitulada Associação de Caixas de Empréstimo de Heddesdorf (PINHEIRO, 2005). Pinheiro (2005) traz informações importantes sobre o histórico das cooperativas de crédito no Brasil e no Mundo. Sobre as cooperativas do tipo Raiffeisen, o autor destaca que:

As cooperativas criadas por Raiffeisen, tipicamente rurais, tinham como principais características a responsabilidade ilimitada e solidária dos associados, a singularidade de votos dos sócios, independentemente do número de quotas-parte, a área de atuação restrita, a ausência de capital social e a não-distribuição de sobras, excedentes ou dividendos. Ainda hoje, esse tipo de cooperativa é bastante popular na Alemanha (PINHEIRO, 2005, p. 23).

Além dos alemães, também temos grande notoriedade a cooperativa fundada na Itália em 1865 por Luigi Luzzatti, que irá criar um modelo de cooperativas que levará o seu nome. Pinheiro (2005) afirma que este modelo de cooperativa se tornou muito presente no Brasil, durante as décadas de 1940 a 1960, e tem como principais características

[...] a não-exigência de vínculo para a associação, exceto algum limite geográfico (bairro, município etc.), quotas de capital de pequeno valor, concessão de crédito de pequeno valor sem garantias reais, não-

remuneração dos dirigentes e responsabilidade limitada ao valor do capital subscrito (PINHEIRO, 2005, p. 23).

A chegada da cooperativa de crédito no Brasil tem seu início em 1902, na cidade de Nova Petrópolis (RS), intitulada Caixa de Economia e Empréstimos Amstad; se tratava de uma cooperativa do tipo Raiffeisen. Esta cooperativa funciona até os dias atuais e é o marco inicial das cooperativas de crédito no país.

Alguns decretos e datas são primordiais para uma melhor compreensão das cooperativas de crédito no país, os diferentes tipos de cooperativas e a sua organização atual. Um decreto importante que merece um primeiro destaque é o Decreto do Poder Legislativo nº 22.239, de 19 de dezembro de 1932, pois é nele que surgem modelos de cooperativas que se fazem existentes até os dias atuais e serão explicados posteriormente, como as cooperativas de crédito agrícola, as cooperativas de crédito mútuo, as cooperativas populares de crédito urbano e as cooperativas de crédito profissionais, de classe ou de empresas (PINHEIRO, 2005, p. 33).

Segundo Gonçalves; Jacques (2015), durante a ditadura militar, as cooperativas, especialmente as do tipo Luzzatti e do tipo Raiffeisen, passam por grandes dificuldades por conta das ações mais rígidas do Banco Central que, a partir de 1964, inserem as cooperativas de crédito como instituições financeiras e viam nas cooperativas como uma “concorrência ao sistema financeiro capitalista [...]” (GONÇALVES; JACQUES, 2015, p. 497)

Outro marco importante para as cooperativas de crédito no Brasil é a regulamentação que permitiu a criação dos bancos cooperativos.

[...] a Resolução nº 2.193, de 31 de agosto de 1995, permitiu a constituição de bancos comerciais controlados por cooperativas de crédito, os bancos cooperativos. Posteriormente, a Resolução nº 2.788, de 30 de novembro de 2000, permitiria a constituição de bancos múltiplos cooperativos (PINHEIRO, 2005, p. 40).

Ou seja, foi criada a estrutura para as cooperativas de crédito terem autonomia para prestar serviços que outrora não estavam ao seu alcance.

Outro marco importante é a abertura das cooperativas para livre admissão, proporcionando a expansão das cooperativas de crédito como estamos vendo atualmente. “A Resolução nº 3.106 revoga as Resoluções nº 2.771 e nº 3.058, permite a constituição de cooperativas de livre admissão de associados em localidades com menos de cem mil habitantes” (PINHEIRO, 2005, p. 58). Além deste marco que é o primeiro que possibilita a livre admissão nas cooperativas de crédito, temos

posteriormente resoluções que irão flexibilizar esses limites e permitir uma maior atuação das cooperativas sobre o território nacional.

Após compreendermos brevemente a história das cooperativas no Brasil, como se dá a sua organização atualmente? As cooperativas podem ser divididas em três modelos, também chamado pelo Banco Central como Clusters de cooperativas de crédito, e se dividem em cooperativas de crédito rural, cooperativas de crédito mútuo e de livre admissão. As cooperativas de crédito rural se reúnem pessoas físicas ou jurídicas que são do meio rural, desenvolvem alguma atividade agrícola, extrativista ou pecuária (BANCO CENTRAL, 2020c). Já as cooperativas de crédito mútuo

são cooperativas comumente urbanas, que ofertam serviços financeiros a pessoas que possuem um elo comum. Por exemplo, empregados de uma mesma empresa, servidores de um mesmo órgão ou autarquia, empresários de um mesmo ramo, pessoas com a mesma atividade profissional ou pertencentes à mesma cadeia de negócios (BANCO CENTRAL, 2020c, p. 64).

O último modelo de cooperativa é a cooperativa de livre admissão, modelo no qual qualquer pessoa é livre para se associar a cooperativa, não havendo a necessidade de alguma atividade econômica específica ou algum elo comum (BANCO CENTRAL, 2020c). Gonçalves; Jacques (2015) destacam um ponto que é de suma importância sobre as cooperativas de crédito, que elas também podem ser divididas em outras 3 classes além das já descritas dadas pela resolução 4.434.

[...] a Resolução n. 4.434 classificou as cooperativas de crédito em três categorias: plenas (autorizadas a realizar operações complexas, quase todas as permitidas para um banco comercial), clássicas (autorizadas a realizar operações de baixa complexidade) e as de capital e empréstimo (não podem captar recursos ou depósitos) (GONÇALVES; JACQUES, 2015, p. 497).

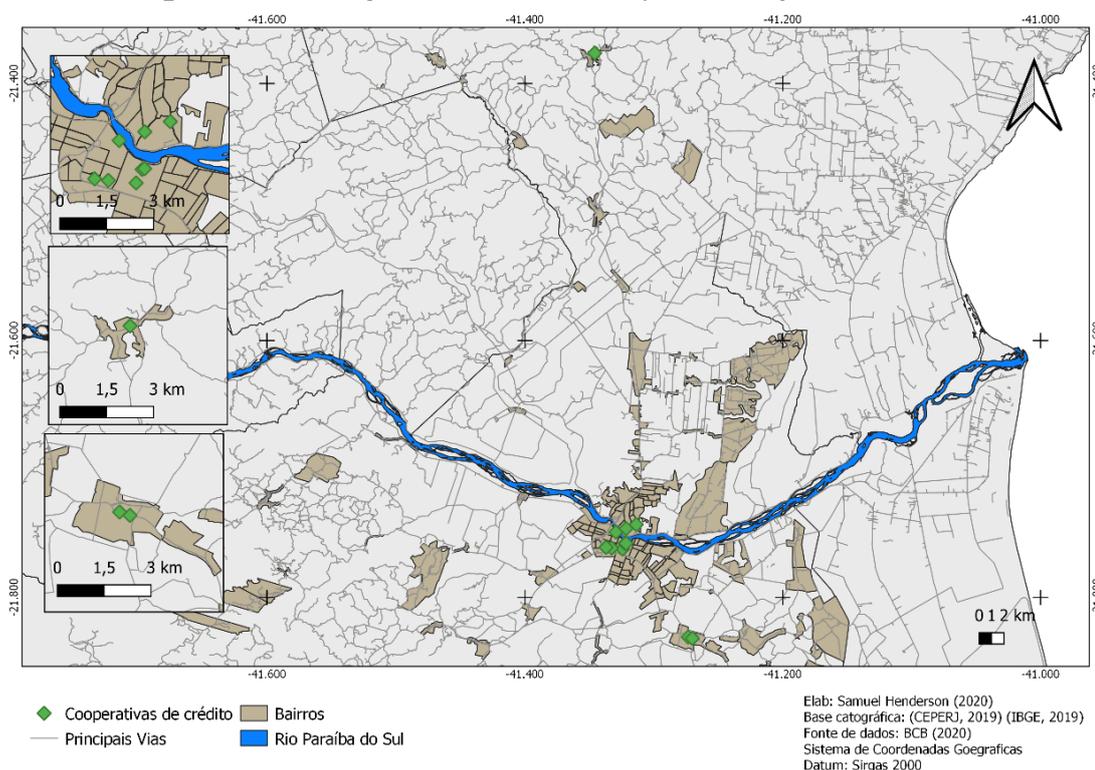
A partir da compreensão dos diferentes modelos, cabe tratar especificamente do SICOOB, que é um sistema de cooperativas. A organização piramidal do SICOOB se dá da seguinte maneira: “(a) cooperativas de crédito singulares; (b) cooperativas centrais de crédito; e (c) confederações de centrais, ou sistemas cooperativos de crédito” (BANCO CENTRAL, 2020. p,62). Desse modo o Sistema de Cooperativas de Crédito do Brasil (SICOOB) se divide em 397 singulares, 16 centrais e 1 confederação que controla o Banco Cooperativo do Brasil (BANCOOB). (BANCO CENTRAL, 2020c)

O SICOOB foi escolhido por ser o maior sistema nacional e por possuir uma cooperativa singular na cidade de Campos dos Goytacazes, o SICOOB fluminense, e ter PAC (Postos de Atendimento Cooperativo) de outras cooperativas SICOOB, como

o SICOOB Sul. O SICOOB Fluminense surgiu em 1997⁴ e incorporou a antiga Cooperativa de Economia e Crédito Mútuo dos Servidores do Centro Federal de Educação Tecnológica de Campos-COOCEFETCAM. Atualmente, possui participação significativa no setor bancário de Campos dos Goytacazes. Já o SICOOB Sul compreende Postos de Atendimento Cooperativo (PAC) da cooperativa singular que possui sede no ES.

Ao espacializarmos os PACs no espaço urbano de Campos, percebemos alguns aspectos que merecem atenção. As cooperativas possuem uma espacialidade mista na cidade, acompanhando de certa maneira os bancos tradicionais, mas também com alguns PACs em localizações onde não há bancos próximos, como é o caso do PAC em Morro do Coco. Nas figuras 5 e 6 é possível comparar a espacialidade das agências vis-à-vis a das cooperativas.

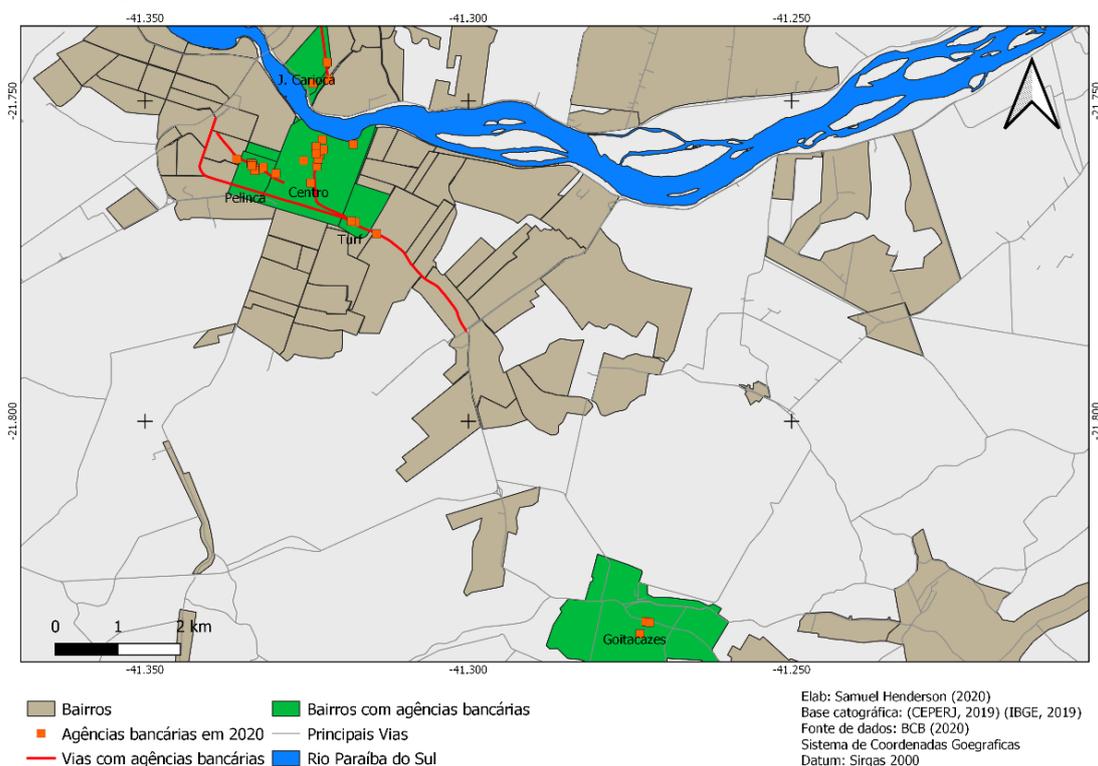
Figura 5 - Localização dos PACs em Campos dos Goytacazes – 2020



Fonte: RAIS/CAGED, 2021.

⁴ <https://www.sicoob.com.br/web/sicoobfluminense/sicoob-fluminense>

Figura 6 - Localização das agências bancárias em Campos dos Goytacazes – 2020



Fonte: BCB, 2021.

Ao analisarmos as figuras, percebemos alguns pontos interessantes, o alcance das cooperativas vai mais distante, pois atinge a porção norte do município, estando presente em Morro do Coco, e também exibe maior difusão por Guarus (parte superior ao rio), diferentemente dos bancos tradicionais que se localizam apenas no Jardim Carioca. Já os bancos comerciais múltiplos possuem um alcance maior para o principal eixo de circulação da cidade, que é a Avenida 28 de março, pois contam com 3 agências na Avenida (Avenida ao lado direito do Centro).

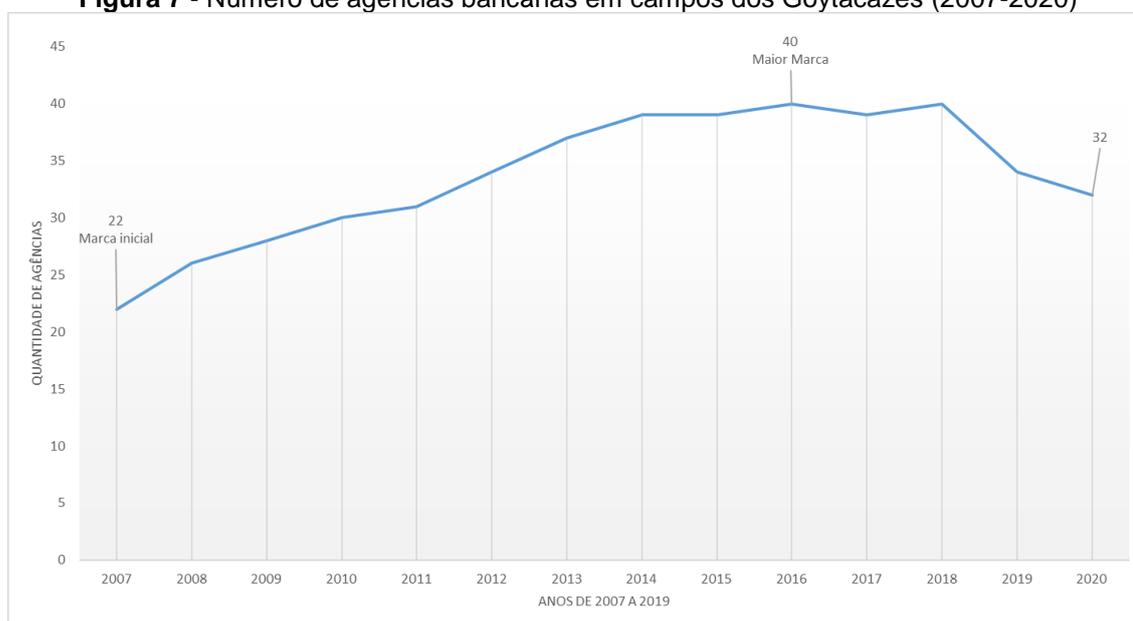
Essa espacialidade das cooperativas revela que elas acompanham as principais centralidades intra-urbanas. A Avenida José Carlos Pereira Pinto onde há um PAC do SICOOB é uma centralidade forte em Guarus e não há agências neste local. Em Morro do Coco provavelmente o PAC atende as demandas locais de pessoas físicas e jurídicas vinculadas ao comércio e serviços e ao campo. Nas demais localizações fica mais evidente uma lógica de acompanhamento dos bancos tradicionais, porém se faz necessário, após condições viáveis (por conta do cenário pandêmico que vivenciamos há mais de um ano), a ida aos PACs para a aplicação de questionários, no sentido de traçar com mais precisão o perfil de usuário de cada um destes Postos de Atendimento para chegarmos a uma conclusão mais precisa sobre

as lógicas de localização dos Postos de Atendimento Cooperativo na cidade de Campos dos Goytacazes.

Além da sua espacialidade com particularidades, a forma interna das cooperativas é semelhante por apresentarem pequenas salas de autoatendimento, diferentemente dos bancos tradicionais que possuem um salão de autoatendimento com inúmeros caixas eletrônicos. As cooperativas costumam ter apenas dois equipamentos. Isso é de certo modo compreensível, já que um dos maiores atrativos das cooperativas é o crédito com taxas mais amigáveis que a dos bancos tradicionais. Para a contratação desses serviços e atendimento, faz mais sentido ter agências com mais espaço de atendimento interno do que grandes salões com caixas eletrônicos.

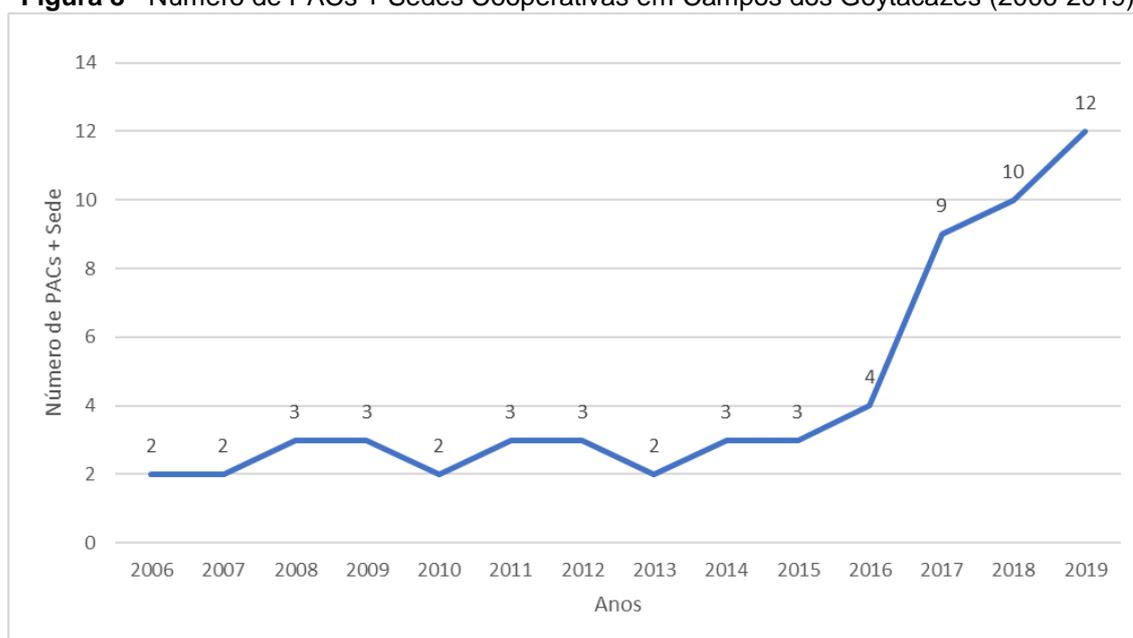
Quando comparamos a evolução das agências, notamos tendências inversas entre bancos e cooperativas de crédito em Campos. As agências dos bancos múltiplos vêm decrescendo ao longo dos últimos anos (figura 7) e as cooperativas apresentam crescimento ano após ano (figura 8).

Figura 7 - Número de agências bancárias em campos dos Goytacazes (2007-2020)



Fonte: Banco Central, 2021.

Figura 8 - Número de PACs + Sedes Cooperativas em Campos dos Goytacazes (2006-2019)

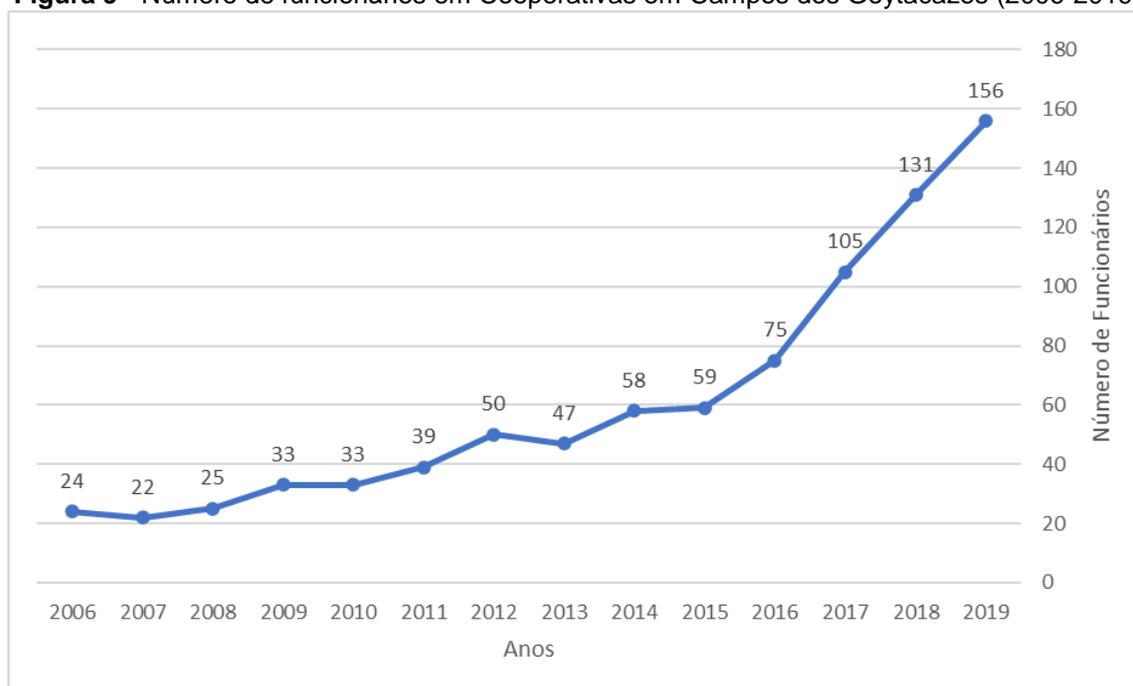


Fonte: RAIS/CAGED, 2021.

A figura 8 mostra um crescimento significativo, principalmente a partir do ano de 2016, no número de PACs que passam de 4 para 12, multiplicando por três em poucos anos; porém, essa expansão, como vimos no mapa de localização das cooperativas, não é aleatória, mas sim com uma estratégia de localização nas principais centralidades da cidade e/ou para atender uma demanda específica. Por mais que as cooperativas não obtenham lucros legalmente, a lógica locacional se aproxima da lógica dos bancos e, após uma investigação mais aprofundada sobre os usuários, será possível estabelecer nexos entre as lógicas de localização e as práticas dos usuários.

Na questão do emprego, observamos que a estrutura interna de trabalho demanda menos funcionários do que as agências bancárias. Nas cooperativas, a média atual é de 13 funcionários por Posto de Atendimento, enquanto nas agências bancárias (bancos múltiplos) a média de funcionários por agência é de 23. Observando a figura 9, conseguimos perceber como as cooperativas só apresentam crescimento nos últimos anos no número de empregos, acompanhando a própria expansão dos estabelecimentos.

Figura 9 - Número de funcionários em Cooperativas em Campos dos Goytacazes (2006-2019)



Fonte: RAIS/CAGED, 2021.

O que podemos compreender sobre as cooperativas é que a sua oferta de crédito mais atrativa para o seu público-alvo, uma estrutura física menor, uma quantidade funcionários menor, está possibilitando um crescimento que vai totalmente na contramão do setor bancário composto pelos bancos comerciais múltiplos. Estes, ano após ano, apresentam queda no número de agências e no número de empregos formais.

Dados sobre a participação das cooperativas no Sistema Financeiro Nacional indicam o crescimento do número de cooperativas e postos de atendimento não só em Campos dos Goytacazes, mas no Brasil como um todo. Trata-se de uma tendência do setor, como mostra a matéria do jornal Estadão “Maior instituição do segmento, o SICOOB abriu 197 agências em 2020, um crescimento de 6% da sua base, que alcançou 3,48 mil postos. Com isso, em número de agências, só perde agora para o Banco do Brasil, que fechou dezembro com 4,4 mil unidades”⁵.

Esse crescimento no número de agências e empregos formais se reflete também na participação no Sistema Financeiro Nacional, especialmente no que diz respeito às operações financeiras como depósitos, oferta de crédito e ativos, como demonstra o relatório do Banco Central (figura 10).

⁵ <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,na-contramao-dos-bancos-e-com-apoio-do-bc-cooperativas-abrem-agencias-no-pais,70003617673>

Figura 10 – Participação das cooperativas em relação ao SFN dos anos 2015 a 2019

	2015	2016	2017	2018	2019
Ativo total	1,7%	2,1%	2,4%	2,7%	3,0%
Carteira de crédito	2,6%	2,7%	3,2%	3,8%	4,6%
Depósitos	4,1%	5,0%	5,3%	5,6%	6,0%

Fonte: Cosif

Fonte: Banco Central, 2019.

Ao olharmos o percentual de participação pode parecer uma pequena participação, mas em termos relativos, o mesmo relatório demonstra que

Ao longo dos últimos três anos, a evolução do saldo das operações de crédito do SNCC superou a tendência geral do SFN [...] Em 2019, esse ciclo de aceleração do crescimento apresentou sinais de estabilização, mantendo-se em nível de expansão cinco vezes superior ao do SFN (25% a.a. e 5% a.a., respectivamente) (BANCO CENTRAL, 2019, p. 14)

Ou seja, realmente há uma tendência de crescimento dos fixos que são as cooperativas em si e seus postos de atendimento, mas também do fluxo e circulação de capital pelas cooperativas. São pontos que merecem nossa atenção e observação do comportamento futuro das cooperativas, para ver suas convergências e divergências com o processo de expansão do setor bancário que ocorreu no final do século XX.

Considerações Finais

Finalizando este trabalho e em uma busca de sintetizar o que foi pesquisa até então, o que concluímos sobre todos os temas levantados é que o trabalho está cada vez mais precarizado e automatizado. Como Netz (2005) nos alerta sobre a reestruturação do setor bancários nos anos 1990,

Estas diversas distinções apresentadas nos possibilitam uma melhor caracterização das transformações ocorridas no trabalho bancário, e até generalizar este estudo para outras categorias. Pois a experiência ocorrida

com o trabalho bancário precisa ser mostrada para que não seja repetida (NETZ, 2005, p. 9).

Ou seja, mais de 20 anos depois da primeira reestruturação do setor bancário, estamos enfrentando uma segunda reestruturação que tem início nos anos 2010. A tarefa para nós pesquisadores com relação a este processo em curso é evidenciar que se trata de um processo racional de modernização do setor e que o custo será demissões e fechamentos de agências pelo país e, além do impacto direto sobre os trabalhadores bancários, grande parcela da população que não está incluída na digitalização do setor ficará à mercê, pois as filas dos bancos remanescentes não irão diminuir, ou seja, com menos agências mas a mesma ou maiores demandas, o adensamento de pessoas nas agências só irá aumentar.

Nos resta saber qual será o caminho tomado pelas cooperativas de crédito, são agentes que demandam atenção e investigação, pois as propostas são interessantes, mas apenas com um estudo mais aprofundado será possível saber se o crescimento dos Postos de Atendimento poderá abarcar a população não assistida pelos bancos comerciais múltiplos.

Referências

ANATEL, Agência Nacional de Telecomunicações. **Painel de dados**. Disponível em: <https://informacoes.anatel.gov.br/paineis/acessos/panorama> - 2021

BANCO CENTRAL. **Quantidade de agências no Brasil**. disponível em: <https://dadosabertos.bcb.gov.br/dataset/24887-quantidade-de-agencias-no-brasil>. 2020

_____. Relatório de Economia Bancária – 2019, disponível em: https://www.bcb.gov.br/content/publicacoes/relatorioeconomiabancaria/REB_2019.pdf – 2020c

_____. **O que é cooperativa de crédito?** Disponível em: https://www.bcb.gov.br/estabilidadefinanceira/cooperativacredito_2020b

_____. **Panorama do sistema nacional de crédito cooperativo**

Data-base: dezembro/2019. Disponível em:

https://www.bcb.gov.br/content/estabilidadefinanceira/coopcredpanorama/panorama_cooperativas_sncc_2019.pdf

BRAGA, R; ANTUNES, R. **Infoproletários**: degradação real do trabalho virtual. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz & Terra, 1996.

CONTEL, F. B. **Território e finanças: técnicas, normas e topologias bancárias no Brasil**. 2006. 343f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

CORRÊA, R. L. Uma nota sobre o urbano e a escala. **Território**, Rio de Janeiro, v. 11/12/13, p. 133-136, set/out 2003.

GROSSI, M. G. R.; COSTA, J. W.; SANTOS, A. J. A exclusão digital: o reflexo da desigualdade social no Brasil. **Revista Nuances**, Presidente Prudente, v. 24, n. 2, p. 68-85, 2013.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 2006.

JACQUES, E. R.; GONCALVES, F. O. Cooperativas de crédito no Brasil: evolução e impacto sobre a renda dos municípios brasileiros. **Economia e sociedade**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 489-509, Ago. 2016.

NETZ, S. R. Novas tecnologias da informação: suas influências no trabalho bancário. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 12, 2005, Belo Horizonte, **Anais** [...] Belo Horizonte: UFMG, 2005.

PINHEIRO, M. A. H. **Cooperativas de crédito: história da evolução normativa no Brasil**. Crédito: história da evolução normativa. Brasília: Banco Central do Brasil, 2008.

RAIS/CAGED. **Acesso ao sistema**. Disponível em: <https://bi.mte.gov.br/bgcaged/> - 2020.

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico informacional. 5. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

SANTOS, S. H. F.; SANTOS, L. B. Reestruturação recente do setor bancário (2010-2021): do encolhimento das agências ao PIX. *In*. ENCONTRO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, 14, 2021, São Paulo, **Anais** [...] São Paulo: USP, 2021.